



# As relações de poder em Michel Foucault: reflexões teóricas e aproximações com o corpo, saúde e Educação Física

*Power relationships at Michel Foucault: theoretical reflections and approaches with the body, health  
and Physical Education*

*Relaciones de poder en Michel Foucault: reflexiones teóricas y enfoques con el cuerpo, la salud y la  
Educación Física*

Luciano Campos Amaral 

Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil. [pensadorluciano@yahoo.com.br](mailto:pensadorluciano@yahoo.com.br) 

Ricardo Lira Neves 

Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil. [ricardo\\_neves@ufg.br](mailto:ricardo_neves@ufg.br) 

Tadeu João Ribeiro Baptista 

Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, Rio Grande do Norte, Brasil.  
[tadeujrbaptista@yahoo.com.br](mailto:tadeujrbaptista@yahoo.com.br) 

10.31668/praxia.v4i0.12592 

**Resumo:** O objetivo deste ensaio está em propor uma imersão no pensamento de Foucault a respeito do conceito de poder, estabelecendo relações com a Educação Física, o corpo e a saúde. Dialogamos predominantemente com um compilado de textos da “Microfísica do Poder” e do livro “Vigiar e Punir”, principalmente ao que se refere às relações entre o poder, a disciplina e a sociedade disciplinar. Intentamos fazer um esforço para mostrar como estes conceitos ou relações estão presentes “economicamente e politicamente” na biopolítica da Educação Física revestida no controle e da positividade do corpo dos sujeitos que usufruem do trabalho (técnicas) e saberes científicos utilizados pelos profissionais da Educação Física, contribuindo para que os corpos sejam úteis à sociedade burguesa.

**Abstract:** The objective of this essay is to propose an immersion in Foucault's thinking about the concept of power, establishing relationships with physical education, the body and health. We dialogue predominantly with a compilation of texts from the “Microphysics of Power” and the book “Discipline and Punish”, mainly regarding the relations between power, discipline and disciplinary society. We intend to make an effort to show how these concepts or relationships are present “economically and politically” in the biopolitics of physical education covered in the control and positivity of the body of the subjects who enjoy the work (techniques) and scientific knowledge used by physical education professionals, contributing for bodies to be useful to bourgeois society.

**Resumen:** El objetivo de este ensayo es proponer una inmersión en el pensamiento de Foucault sobre el concepto de poder, estableciendo relaciones con la educación física, el cuerpo y la salud. Dialogamos predominantemente con una compilación de textos de la “Microfísica del Poder” y del libro “Disciplinar y Castigar”, principalmente sobre las relaciones entre poder, disciplina y sociedad disciplinaria. Pretendemos hacer un esfuerzo por mostrar cómo estos conceptos o relaciones están presentes “económica y políticamente” en la biopolítica de la educación física amparada en el control y positividad del cuerpo de los sujetos que disfrutaban del trabajo (técnicas) y del saber científico que utiliza. profesionales de la educación física, contribuyendo para que los cuerpos sean útiles a la sociedad burguesa.

**Palavras-chave:**

Poder.  
Corpo.  
Educação Física.  
Saúde.

**Keywords:**

Power.  
Body.  
Physical Education.  
Health.

**Palabras clave:**

Poder.  
Cuerpo.  
Educación Física.  
Salud.



## Introdução

A categoria do poder é uma das principais categorias na trajetória de Michel Foucault (1926-1984), filósofo francês que se dedicou a estudos nas áreas da filosofia, da sociologia, da psicologia, entre outras. Apesar de ele não se debruçar e não ter formulado uma teoria geral do poder, Foucault (2005), não deixa de ser uma importante referência quando se discute este tema.

Para Foucault (2005), o poder pode ser exercido de várias formas para justificar uma dominação. Entre essas diferentes maneiras, é possível destacar, poder da soberania<sup>i</sup>, poder disciplinar<sup>ii</sup> e biopolítica<sup>iii</sup>, que compõem na teoria deste autor, complexos tipos de poder.

Dessa forma, pensamos que o poder se sustenta apenas como uma negativa aos seres humanos. Entretanto, para Foucault (2005), o poder produz um discurso que “permeia”, que é revestido de prazer, envolve o gosto, entre outras sensações humanas. O autor acreditava que os seres humanos poderiam lutar contra a dominação, a criação de padrões de pensamentos e de comportamentos, contudo ninguém estaria livre das relações de poder. E, é neste momento que se estabelece a eficácia produtiva do poder, haja vista, o poder ser sutil e permear o imaginário social. Esta forma de ação é muito mais perigosa, pois, a todo instante os indivíduos caem nesta rede entrecruzada com os discursos de caráter político, econômico, social, cultural, estético, entre outros (FOUCAULT, 2005).

Diante destas questões, o objetivo deste ensaio, com direcionamento intencional de análise, é descrever a ideia de poder como uma categoria importante para Foucault, sobremaneira nas obras “Vigiar e punir” (FOUCAULT, 1991) e no compilado de textos organizado por Machado (2005), que forma a “Microfísica do poder” (FOUCAULT, 2005), principalmente ao que se refere às relações entre a genealogia e história do poder, a disciplina e à sociedade disciplinar. Analisamos, também, como estes conceitos ou relações na biopolítica, provocam impactos na Educação Física, como um campo de conhecimento historicamente marcado por estabelecer um controle sutil sobre os corpos dos sujeitos nas práticas. Sujeitos estes, submetidos à criação de padrões de corpos, de pensamentos, comportamentos (técnicas) próprios do trabalho e saberes científicos utilizados por esses profissionais.

## A análise genealógica e o poder disciplinar

Foucault (2005), começa a sua análise do poder, demonstrando que a noção de repressão como uma “mecânica do poder” é adotada para silenciar, proibir e dizer não, em síntese, era vista inicialmente como uma noção negativa, puramente

jurídica. Entretanto, Machado (2005), ao organizar um compilado de texto denominado *Microfísica do Poder*, renova o debate sobre a ideia de poder, especialmente olhando mais detidamente para um poder que produz, induz e vai produzir um discurso (FOUCAULT, 2005). Para este autor essa noção estreita, dura e legalista propalada e aceita é restritiva, pois se não tivessem outras forças sutis por detrás da força do emissor o poder somente repressivo dificilmente seria “obedecido”. “O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso” (FOUCAULT, 2005, p. 8).

Foucault (2005) aponta a necessidade de uma concepção positiva do poder, assim, a dominação seria mais legítima. Desse modo, podemos observar que Foucault desconstrói a ideia marxista do poder econômico, ou seja, quem tem dinheiro tem poder? Para Foucault (2005) nem sempre quem tem dinheiro tem poder. Embora, os sujeitos achem que sim. Porém, é preciso parar de descrever os efeitos do poder, de maneira especialmente do Estado para com a sociedade civil, em termos negativos, como se o poder tivesse apenas por objetivo excluir, reprimir, recalcar e censurar os sujeitos. De fato, em uma sociedade como a nossa, o poder é concebido dessa forma. Entretanto, Foucault (2005) alerta para uma proposição de dominação legítima, numa sociedade contemporânea, precisa que o poder sofra mutações de uma eficácia produtiva, uma riqueza estratégica, uma positividade. E, é justamente no corpo do indivíduo que esse poder se torna produtivo, não para supliciá-lo, mutilá-lo como se dava no medievo, mas, para aprimorá-lo, adestrá-lo. É o poder como controle e, para Foucault (1991), este poder não é negativo, mas positivo. Neste aspecto, além do exército, da polícia, da escola, da medicina e da administração local essa economia política do poder é uma maneira de manter os efeitos do poder ininterruptamente, sem os indivíduos perceberem a forma e a força desse poder em seus corpos pessoais, assim como, no corpo social. Essa nova forma de análise sobre o poder inaugura o uso de técnicas mais dinâmicas e menos onerosas para o controle do corpo.

Em Vigiar e Punir o que eu quis mostrar foi como, a partir do século XVII e XVIII, houve verdadeiramente um desbloqueio tecnológico da produtividade do poder [...]. Estas novas técnicas são ao mesmo tempo muito mais eficazes [...] do que as técnicas até então usadas e que repousavam sobre uma mistura de tolerâncias mais ou menos forçadas (desde o privilégio reconhecido até a criminalidade endêmica) e de cara ostentação (intervenções espetaculares e descontínuas do poder cuja forma mais violenta era o castigo “exemplar”, pelo fato de ser excepcional) (FOUCAULT, 2005, p. 8).

Foucault (2005), quer nos mostrar que a partir do século XVII e XVIII o poder já começa a sofrer uma mutação produtiva, uma riqueza estratégica, uma positividade do poder no corpo dos trabalhadores. Para este mesmo autor um desbloqueio tecnológico da produtividade do poder está incurso. O corpo passará por técnicas mais específicas de controle e menos violentas em que será possível controlar os sujeitos em suas ações, para que eles possam produzir mais e eficientemente (FOUCAULT, 1991). Este autor percebe o poder como um processo social, político e econômico que vai contra os operários, forçando os mesmos a produzirem de uma forma eficiente através de um controle político. Contudo, para fazer uma análise de seus conceitos estruturantes, é preciso ser menos englobante e geral para não perder de vista que se trata de análises particularizadas. Michel Foucault (2005), quando tratou da questão do poder, foi para dar prosseguimento às pesquisas que realizava acerca da história da penalidade, do poder-saber, da psiquiatria, da medicina e da disciplina sobre uma relação específica sobre os indivíduos enclausurados, que incidia sobre os seus corpos, uma tecnologia própria de controle, inclusive inscrita na arquitetura de instituições como a prisão, os hospitais, o exército, a escola, as fábricas, como também indica o trabalho sobre o “*Panopticon*” de Jeremy Bentham. Foi este tipo de poder que Foucault chamou de disciplinar. O poder disciplinar é na realidade o poder que atua de forma ideológica e sutil no corpo do indivíduo.

Nas discussões do poder disciplinar, Foucault (2005), nos mostra que existe uma relação do poder disciplinar característico da sociedade capitalista ou burguesa, em que os indivíduos estão em uma situação de submissão máxima a duas formas de poder: o poder econômico e o político. A disciplina seria um tipo de saber, de organização do espaço, uma distribuição dos indivíduos através da inserção dos corpos em um espaço particularizado, classificatório e combinatório nos quais estes poderes se entrecruzam. Para ele, a disciplina também é uma sujeição dos corpos ao controle de um tempo, a um ritmo, com objetivo de produzir mais e melhor. Nesta relação, o gesto que se realiza é tão específico quanto o movimento que o corpo produz numa sincronia perfeita e econômica do tempo, sendo a disciplina uma vigilância contínua, perpétua e permanente.

Este novo tipo de poder, que não pode mais ser transcrito nos termos da soberania, é uma das grandes invenções da sociedade burguesa. Ele foi um instrumento fundamental para a constituição do capitalismo industrial e do tipo de sociedade que lhe é correspondente; este poder não soberano, alheio à forma da soberania, é o poder disciplinar. Na realidade, as disciplinas têm o seu discurso. Elas são criadoras de aparelhos de saber e de múltiplos domínios de conhecimento. São extraordinariamente inventivas ao nível dos aparelhos que produzem saber e conhecimento. As disciplinas são portadoras

de um discurso que não pode ser o do direito; o discurso da disciplina é alheio ao da lei e da regra enquanto efeito da vontade soberana. As disciplinas veicularão um discurso que será o da regra, não da regra jurídica derivada da soberania, mas o da regra “natural”, quer dizer, da norma; definirão um código que não será o da lei, mas o da normalização; referir-se-ão a um horizonte teórico que não pode ser de maneira alguma o edifício do direito, mas o domínio das ciências humanas; a sua jurisprudência será a de um saber clínico (FOUCAULT, 2005, p. 188-189).

O poder estabelecido pela norma, ou por aquilo que é dado como normal, passa por uma construção daquilo que é comum, do visível e, aparentemente, incontestável. Destarte, o controle sobre o corpo, como uma forma de poder, é estabelecido por meio da sua forma, de seus parâmetros de saúde, de suas capacidades e das habilidades desenvolvidas ao longo da vida, com o objetivo precípua de trabalhar da maneira mais adequada para a sociedade burguesa.

Foucault (2005), relata ainda que o poder disciplinar foi uma invenção da sociedade burguesa e que trouxe consigo a vigilância hierárquica<sup>iv</sup>, a sanção normalizadora<sup>v</sup> e o exame<sup>vi</sup>, que definiu um novo código de conduta para cada corpo. Desse modo, cada corpo será submetido a essas técnicas de controle. Neste aspecto, existe um poder que nos observa. Um olhar invisível que se torna visível a cada momento dos nossos atos, revelando nossas posições, nossas relações. Nada e ninguém escapa a este olhar que não tem limites, que penetra nos lugares mais recônditos. Cria-se a sensação que alguém está sempre nos observando e descobrimos com isso que algumas coisas nós devemos fazer e outras não.

A sociedade em que vivemos é observadora, mesmo que você saiba que não tem ninguém te observando você anota, extrai e coloca a máquina para funcionar. Nos diferentes campos profissionais o controle feito pelo olhar médico, enfermeiros, profissionais que lidam com os corpos sadios, doentes, que extraem da própria prática os ensinamentos capazes de aprimorar o seu exercício terapêutico.

Assim, estas técnicas se adaptam e servem de pontos de apoio às necessidades específicas de cada instituição. Entendidos por Foucault (1991; 2005) como modelos de aparelhamentos disciplinares, as diversas instituições realizavam, à sua maneira, um controle específico dos indivíduos, com um objetivo similar quando considerado do ponto de vista político, a individualização. Por exemplo, o hospital psiquiátrico controla o tempo que deve ser empregado no trabalho; considerado desde o século XIX como o meio terapêutico eficiente que baseia-se numa pirâmide de olhares – que tem no poder-saber<sup>viii</sup> uma técnica perfeita de vigilância, cujo objetivo é deixar o homem “útil e dócil” (FOUCAULT, 1991). E será que podemos chamar estas técnicas de repressivas? Segundo Foucault (2005), estas técnicas não são vistas como repressivas, mas como um controle positivo dos indivíduos e de

seus corpos. Assim, o corpo é submetido a esses discursos e técnicas de controle. Algumas, sutilmente, passam despercebidas, enquanto outras são mais perceptíveis, isso ocorre com os meios específicos de ação dos poderes nas sociedades capitalistas, da explosão do trabalho e do controle do tempo.

Desse modo, as relações de poder disciplinar nas sociedades modernas, a partir do século XIX, desempenham um papel importante de estratégia no sentido de serem positivas. O poder produz individualidades e o indivíduo é uma produção do poder e do saber. Não é por acaso que, muitas vezes, em vez de analisarmos o indivíduo como uma carga histórica e cultural anterior, temos a tendência de analisá-lo do “nada”, como se ele não tivesse uma história anterior, existindo só no agora. Para Foucault (2005), habitualmente nós dizemos que é o modo de produção capitalista que descaracteriza, massifica, sufoca, domina, impede o indivíduo de se expressar e que o nosso comportamento muitas vezes é estruturado por esse modo de organização social em que ocorre a despersonalização.

Embora não se negue que o modo de produção seja centrado na ideia de que os sujeitos são individuais e competitivos por natureza, segundo Foucault (2005), a individualidade teria surgido não com o capitalismo, como se pensava, mas com o nascimento da prisão, com o nascimento do hospício, com a organização das paróquias, a institucionalização do exame de consciência e da direção espiritual, com a reorganização do sacramento da confissão. Para o autor, desde o século XVI, estas instituições aparecem como importantes dispositivos de individualidades. Então, a partir das sociedades pré-capitalistas, a individualidade vinha sendo marcada por formas distintas de controle e ainda muito similar, de um poder disciplinar que marcou no corpo dos indivíduos uma forma específica de dominação. Como consequência, o poder que penetra no corpo dos indivíduos hoje, e que os expôs é um poder que circula incessantemente sem se deter exclusivamente nas mãos de ninguém.

A partir desse ponto, Foucault (2005), constrói a ideia de um micro poder que perpassa o Estado e atinge o corpo do trabalhador. Poder que manipula seus elementos, sua essência, seus gestos; atua no seu humor, produz estados de paralisia mental e medicaliza a aparência.

Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles. Não se trata de conceber o indivíduo como uma espécie de núcleo elementar, átomo primitivo, matéria múltipla e inerte que o poder golpearia e sobre o qual se aplicaria, submetendo os indivíduos ou estraçalhando-os. Efetivamente, aquilo que faz com que um corpo, gestos, discursos e desejos sejam identificados e constituídos enquanto indivíduos é um dos primeiros efeitos de poder. Ou seja, o indivíduo não é o outro do poder: é um de seus primeiros efeitos. O indivíduo é um efeito do poder e simultaneamente, ou pelo próprio fato de ser um efeito, é seu

centro de transmissão. O poder passa através do indivíduo que ele constituiu (FOUCAULT, 2005, p. 183-184).

Entendendo os componentes básicos dos dispositivos de poder para o filósofo francês, a seguir, destacaremos como a Educação Física, um campo de conhecimento constituído de maneira mais densa entre o final do século XVIII e primeira metade do século XIX, participa do processo de controle do corpo, sendo, inclusive, uma das diretrizes de manutenção da saúde para a medicina (SOARES, 2001).

## **Biopolítica, Educação Física, o controle do corpo e a saúde**

Para relacionarmos os principais conceitos trabalhados por Michel Foucault (2005), precisamos entender que a cada dia vivemos sob o domínio do perito, do técnico, do médico e outros profissionais de diversas instituições. Estes são agentes do poder-saber, um saber correlativo ao poder que exerce. Entretanto, no da Educação Física, com a qual propomos fazer aproximações com as ideias de Foucault (2005), ajudam a compreender o poder desta profissão na construção dos corpos na atualidade, a atividade física<sup>viii</sup>, o exercício físico<sup>ix</sup>, o esporte<sup>x</sup>, a aptidão física<sup>xi</sup> seriam entendidos como técnicas, instrumentos e revestidos de saberes que visam ou têm como resultado das intervenções profissionais, como também o controle do corpo, pois, representam importantes atividades que o aparelho do Estado e outras instituições utilizam para exercer poder, com os programas, propagandas, cartilhas, protocolos e procedimentos normalizadores que movimentam-se em sua corporalidade. A própria história da sexualidade tematizada “o cuidado de si” (FOUCAULT, 1985), mostra que esses dispositivos não só transformaram os indivíduos, mas, também, realizam a regulação das populações através de um biopoder.

A população aparecerá como o objetivo final do governo. Pois qual pode ser o objetivo do governo? Não certamente governar, mas melhorar a sorte da população, aumentar sua riqueza, sua duração de vida, sua saúde, etc. E quais são os instrumentos que o governo utilizará para alcançar este fim, que em certo sentido são imanentes à população? Campanhas, através das quais se age diretamente sobre a população, e técnicas vão agir indiretamente sobre ela e que permitirão aumentar, sem que as pessoas se dêem conta, a taxa de natalidade ou dirigir para uma determinada região ou para uma determinada atividade os fluxos de população, etc. A população aparece, portanto, mais como fim e instrumento do governo que como força do soberano; a população aparece como sujeito de necessidades, de aspirações, mas também como objeto nas mãos do governo; como consciente, frente ao governo, daquilo que ela quer e inconsciente, em relação àquilo que se quer que ela faça (FOUCAULT, 2005, p. 289).

Foucault (2005), pretende nos dizer, nesta linha de pensamento, que o Estado, até então, não tinha adquirido importância. Seria, a partir dessas práticas de governo, da gestão governamental, que o Estado adquire uma especial relevância com relação à criação de políticas públicas para a população nas suas temáticas básicas como higiene, assistência médica, poupança, educação, seguridade social, lazer, exercício físico, atividade física, férias entre outras. A finalidade está em propiciar uma maior qualidade de vida para a população, como maneira de manter o poder e o controle sobre ela.

O biopoder está relacionado com o controle da vida. A biopolítica é o poder do conhecimento, do saber, e este saber gera o biopoder que faz com que tenhamos um controle relacionado ao nascimento, à mortalidade, à qualidade de nossa vida e a duração da mesma. É através do saber que temos o controle das doenças, dos medicamentos e procedimentos que temos que usar para contermos o controle das doenças curáveis e incuráveis, embora, este saber possa variar de acordo com as classes sociais (BOLTANSKI, 1979). É o saber relacionado ao biopoder que faz com que o homem de hoje tenha o poder de controlar o seu corpo.

É desse modo que ocorrem “mudanças” ao longo do século XX e no início do século XXI por meio de um discurso higienista e do controle sobre o corpo que, assim como em tempos mais remotos, tem relacionado o exercício físico à melhoria da saúde e da qualidade de vida dos indivíduos, ou seja, do bem-estar social, por meio de várias estratégias e dispositivos (GÓIS JUNIOR; LOVISOLO, 2003). Portanto, uma relação direta com a expertise da Educação Física. Assim, quando olhamos para o processo histórico da Educação Física percebemos a dominação e o poder disciplinar a determinar o controle do corpo dos sujeitos em diferentes épocas. Autores como Soares (1998; 2001) e Baptista (2005; 2012) demonstraram que os processos disciplinares sobre o corpo dos indivíduos foram diversos, mas com um mesmo propósito de tornar os corpos dóceis para o desenvolvimento de uma força de trabalho para a sociedade capitalista.

Neste aspecto, podemos perceber como os corpos foram esculpidos, padronizados, transexualizados e marcados por uma racionalidade médica, midiática e por uma Educação Física que atravessou o tempo chegando a nós como uma biopolítica sutil e que agora quer sutilmente nos proteger. O campo da Educação Física utiliza-se do esporte, das atividades físicas, entre outras, com discursos legitimadores de sua necessidade social. Muitas vezes, relacionando-as à melhoria das condições da saúde individual. Atravessamos os séculos XVIII, XIX, XX e chegamos ao século XXI com este campo medicalizando a aparência, pois o que importa não é a pessoa, mas os dentes brancos, a roupa nova, o discurso pronto, o

exercício perfeito, a medida corporal padronizada, a relação cintura quadril, o IMC, a taxa de gordura, a massa magra. Enfim, muitas vezes se enfatiza as ideias de juventude, beleza e saúde, o modelo JUBESA, definido por Lovisolo (2006).

Desse modo, somos determinados pelo poder, mudamos os nossos corpos por meio de inovações tecnológicas do campo da saúde como: implantes, lifting nas nádegas, lipoaspiração, injeções de botox (toxina botulínica), próteses mamárias, cirurgias plásticas estéticas, silicones, maquiagens e roupas etc. São avanços científicos que penetraram nos corpos e nos modos de vida dos sujeitos em diferentes épocas. No campo profissional da intervenção da Educação Física intensificam-se as práticas dos modismos e interesses econômicos da área das academias de ginásticas (moda fitness), tais como: *Zumba Fitness, Spinning, Power Local, Body Pump, Crossfit, Funcional, HIIT*, entre tantas outras.

Ainda pensando na questão da produção científica do campo da Educação Física, Palma e Vilaça (2010, p. 115), por exemplo, ao discutir o “sedentarismo da epidemiologia”, indicam que os resultados dos estudos epidemiológicos sobre o exercício e a atividade física não são confiáveis porque além de carregarem discursos moralizadores, “[...] se pautam em medidas duvidosas e carregam, em seus achados, um caráter moralizador”. Para os autores ao utilizar critérios “classificadores” e “escalas” para os “indivíduos” podem estar “iludindo a si mesmos”, pois os achados sobre o sedentarismo nas sociedades permitiriam “[...] questionar se existe uma epidemiologia do sedentarismo, por exemplo, ou se está em jogo um discurso alarmista, ideológico e moralista, que se coaduna com uma fatura de interesses corporativos e pessoais” (PALMA; VILAÇA, 2010, p. 115). Esta questão mostra a aproximação das ideias discutidas na complexa teoria do poder disciplinar de Foucault (2005), como a utilização pela Educação Física de técnicas de coerção quanto ao gosto, indicando o “melhor tipo de exercício”, pois estes exercem um esquadramento vigiado e sistemático do movimento dos indivíduos; portanto, controlam suas atitudes, comportamentos, capacidades, decisões, gestos, no limite, os corpos. Para Foucault (2005), o corpo assume uma economia política do poder, circulando os efeitos dos seus discursos e fazeres de forma que os indivíduos não percebam a forma e a força do poder em seus corpos sociais.

Carvalho (2005), reforça esta ideia ao indicar a complexidade da saúde dos sujeitos, a qual exigiria estudos, análises e intervenções não apenas baseados nas ciências biológicas que tem a centralidade voltada para a doença. Para a autora, a Educação Física deveria estar voltada para a potencialização da vida, com um olhar para a saúde.

Esta questão envolve o modelo de ciência, as políticas públicas e as ações da Saúde Pública na dimensão do coletivo e do social. E, podemos incluir a necessidade de avaliações da efetividade dos programas governamentais voltados para a Educação Física e Saúde com outras matizes teórico-metodológicas, que não aquelas voltadas apenas para a biodinâmica (CARVALHO, 2005).

Nesta mesma linha de crítica, Coutinho (2011) analisa e argumenta que as “Recomendações”, do Conselho Federal de Educação Física (CONFEEF) que visam “chancelar” condutas dos profissionais de Educação Física no campo da Saúde Pública, mesmo tendo boas intenções possui:

[...] uma visão biomédica, curativa e reducionista do processo saúde-doença quando: concentra esforços, relativamente maiores para as ações voltadas à doença ou aos aspectos biológicos; não contempla, na discussão, estudos que analisam a relação Educação Física e saúde a partir da incorporação de referenciais das ciências sociais em saúde, da Saúde Pública e da saúde coletiva; concentra um direcionamento maior para os processos avaliativos que consideram parâmetros fisiológicos em detrimento de uma maior concentração dos determinantes sociais de saúde; e, não indica a necessidade de ações que favoreçam o desenvolvimento da autonomia e do empoderamento dos usuários em relação a sua saúde (COUTINHO, 2011, p. 48).

Mais uma vez vemos o campo da Educação Física centrar seus esforços discursivos na utilização de parâmetros e avaliações do corpo. Certa procura do padrão ou o desenvolvimento de ações reducionistas nos processos avaliativos do poder da cura e da eficiência produtiva, quando os mesmos perdem a capacidade de análise ou escondem os processos sociais intervenientes nos processos de saúde e doença. Esse procedimento de disciplinarização do fazer na Educação Física aprisiona o campo à ideia de indicar para a população o exercício feito em menor tempo, mais eficaz para deixar o corpo mais produtivo e respondendo, assim, às exigências do modo de produção capitalista.

Do ponto de vista coletivo ou populacional, Gomes, Pich e Vaz (2006) criticam as campanhas governamentais para induzir ou inculcar nas pessoas a necessidade da aderência à prática de atividades física para combater doenças do corpo. Demonstram haver poucas iniciativas de programas públicos e uma ênfase em propagandas. Afirmam que isso acontece por uma série de motivos, mas, especialmente, porque há uma disseminação, continuidade e reforço nos critérios de produção e do “discurso oficial” da biomedicina e o da aptidão física para a promoção da saúde. Estes, focados exclusivamente no exercício físico contribuindo na dimensão motora e física da saúde do corpo. Discurso revestido de poder como vimos nas ideias de Foucault (2005). Na visão dos autores, este discurso poderoso encontra apoio em entidades internacionais ligadas ao campo da saúde e da atividade

física e esportes. Dentre elas podemos destacar o Colégio Americano de Medicina do Esporte, a Organização Mundial de Saúde, a Organização Pan-Americana de Saúde, entre outros nacionais como o Centro de Estudos e Laboratório de Aptidão Física de São Caetano do Sul (CELAFISCS).

Contudo, Fraga (2006) alega que “sutilmente” estes princípios ficaram voltados mais para a “habilidade de persuadir os sujeitos” a aderirem a um estilo de vida ativo, do que em criar e manter Políticas Públicas visando a “organização, condução e manutenção de espaços concretos destinados à exercitação física” (FRAGA, 2006, p. 115). Vemos neste aspecto o Estado buscando o controle sutil da questão das Políticas Sociais relacionadas à atividade física, esportes, aptidão dos corpos a partir das campanhas bem-intencionadas, mas como pouca expressividade na resolução de problemas de saúde da população, entre estas, podem-se destacar os trabalhos relacionados à academia da saúde (SILVA, 2017; PARREIRA, 2019).

O termo “biopolítica” explica a tentativa do Estado em governar não somente os indivíduos por meio de procedimentos disciplinares (campanhas de aderência à atividade física), mas a ideia de controle coletivo da população com biopoderes locais, ocupando-se, portanto, da gestão da saúde, do corpo. Ou seja, onde, quando e porque a população deve se ocupar quando se trata das ações da Educação Física na saúde.

Fraga (2004, p. 62), debatendo sobre a busca do corpo anatomicamente perfeito e a pedagogia do corpo no século XXI, retrata que o desenvolvimento científico e “O surgimento da microbiologia, da robótica e da genética tornaram mais plausíveis as promessas de um corpo fisiologicamente perfeito, feitas pela higiene e a eugenia no início do século XX”. Portanto, mais que as promessas do campo da atividade física e do exercício físico para a construção de corpos. Enfim, a ciência em todas as áreas agora nos apresenta como uma entidade “divina”, infalível na pretensão de gravar não só nos corpos, mas principalmente nas almas seus pressupostos científicos.

## **Considerações finais**

Nossa intenção de propor este ensaio foi com a finalidade de realizar uma imersão no pensamento de Foucault (2005), e trazer sínteses sobre o conceito de poder em sua relação com o corpo, a Educação Física e a saúde. Apresentamos, então, a análise a partir de fragmentos de parte de sua obra, principalmente ao que se refere às relações entre o poder, a disciplina e à sociedade disciplinar. Também fizemos o esforço para mostrar como estes conceitos ou relações estão presentes “economicamente e politicamente” na biopolítica da Educação Física revestida no

controle do corpo dos sujeitos que usufruem do trabalho (técnicas) do profissional da Educação Física.

Em síntese, discutimos à eficácia produtiva do poder; uma riqueza estratégica, uma positividade, mas nunca um poder pautado por práticas de liberdade – que pudesse libertar os homens de seu estado de menoridade inicial. Pelo contrário, este poder tem a função de gerir a vida dos homens e controlá-los em suas ações para que seja possível e viável utilizá-los ao máximo, aproveitando suas potencialidades e utilidades racionais de seus corpos, num sistema de aperfeiçoamento gradual e contínuo de suas capacidades. E se o poder está ligado ao Estado, isto faz com que o Estado tenha o controle de certas práticas governamentais e busca na população seu objeto, na economia seu saber mais importante e nos dispositivos de segurança seus mecanismos básicos para exercer o controle sobre as pessoas (FOUCAULT, 2005).

Consideramos que as relações de poder para Foucault (2005), possuem diferentes configurações em diferentes tempos e espaços sociais. Pode-se identificá-lo ou encontra-lo por toda parte e, indubitavelmente, nos aparelhamentos disciplinares do Estado ou em outras instituições da sociedade civil. Também vimos que o poder não é só do Estado ou da “soberania”. O poder está nas ações e sobre as ações. No campo da Educação Física o poder provoca ações hegemônicas com técnicas racionalizadas e construídas a partir da produção científica que foram construídas e constituídas como únicas verdades, como cartilhas, protocolos, propagandas. Todos estes naturalizam e normalizam o sujeito e desconsideram as necessidades e as exigências de espaços com suas peculiaridades, matematizam o corpo. Portanto, quando lida com o corpo em movimento, desconsidera as diversidades da constituição dos corpos destes sujeitos em diferentes tempos e espaços históricos, culturais e sociais.

No entanto, apresentamos que esse campo constrói, historicamente, movimentos contra hegemônicos ao modelo biomédico e esportivista. A população ao praticar atividades físicas, exercícios físicos, esportes, entre outros, se submetem a uma modelagem do corpo, centrada em padrões de aulas, modismos e interesses relacionados às hegemonias do modelo biomédico. Essa estrutura influência nas políticas públicas das práticas da cultura da atividade física, do exercício físico, do esporte e do lazer, provocando o distanciamento das dimensões que fortalecem a construção da liberdade, da autonomia e da descoberta. O campo tende a manter as atividades consagradas e pautadas nas técnicas corporais eficazes, racionais e competitivas ou do rendimento humano.

O conceito de biopolítica permite dizer que na Educação Física, campo historicamente marcado por reforçar a hegemonia biomédica e disciplinar, determina em suas ações sociais um controle sutil sobre os corpos dos sujeitos nas práticas relacionadas ao movimento humano. Para além disso, temos o papel do Estado com a estruturação de programas, propagandas, cartilhas, protocolos e procedimentos normalizadores dos padrões corporais e do estilo de vida ativo - como algo apenas sob a responsabilidade de aderência individual do sujeito independente de suas condições, desejos e necessidades. Fica a desejar o olhar para a necessária democratização das práticas corporais e esportivas e, conseqüentemente, o Estado assume pouca expressividade na resolução de problemas de saúde da população e no fortalecimento das condições de vida antes do adoecimento.

Desse modo, que o poder é entendido como algo positivo, sutil, fortalecido e estruturado a partir do saber, da força do discurso, imposto com diferentes formas e conteúdos. Provocando obediência, a docilidade e a utilidade econômica. Estrutura as normas, os interesses, os padrões corporais disseminados cotidianamente, atividades físicas, predominantemente repetitivas e racionalizadas. Exacerba-se a beleza, a estética corporal, a obediência política. Alicerça e dificulta a possibilidade do sujeito em buscar o entendimento das ideologias e aflorar as contradições que podem levar ao exercício de uma prática de liberdade.

## Referências

- BAPTISTA, Tadeu João Ribeiro. Da disciplina do corpo e Educação Física: notas para entender algumas relações sociais. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 15, p. 1061-1075, 2012.
- BAPTISTA, Tadeu João Ribeiro. O Poder sobre o corpo: notas sobre as políticas desenvolvidas a partir do século XVII. **Estudos (UCGO)**, Goiânia, v. 32, n. 3, p. 407-431, 2005.
- BOLTANSKI, Luc. **As classes sociais e o corpo**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- CARVALHO, Yara Maria de. Entre o Biológico e o Social. Tensões no debate teórico acerca da saúde na Educação Física. **Motrivivência**, n. 24, p. 97-106, 2005.
- CASPERSEN Carl. J.; POWELL, Kenneth. E.; CHRISTERSON, Gregory M. Physical Activity, Exercise and Physical Fitness: Definitions and Distinctions for Health-Related Research. **Public Health Reports**, v. 100, n. 2, p. 126-131, 1985.
- COUTINHO, Silvano da Silva. **Competências do professor de Educação Física na Atenção Básica à Saúde**. 2011. 207 f. Tese (Doutorado em Ciências) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2011.
- FRAGA, Alex Branco. Anatomia emergente e o bug muscular: pedagogia do corpo no limiar do século XXI. *In*: Carmen Lucia Soares. (Org.). **Corpo e História**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2004, p. 61-77.
- FRAGA, Alex Branco. Promoção da vida ativa: ordem físico-sanitária na educação dos corpos contemporâneos. *In*: BAGRICHEVYSKI. Marcos; PALMA, Alexandre;

- ESTEVÃO, Adriana. (Orgs.). **Saúde em debate na Educação Física**. v. 2. Blumenau: Nova Letra, 2006. p. 105-118.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: o cuidado de si. v. 3. 7. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: história da violência nas prisões. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.
- GÓIS JUNIOR, Edivaldo; LOVISOLO, Hugo Rodolfo. Descontinuidades e continuidades do movimento higienista no Brasil do século XX. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 25, n. 1, p. 41-54, set. 2003.
- GOMES, Ivan Marcelo; PICH, Santiago; VAZ, Alexandre Fernandez. Sobre algumas vicissitudes da noção de saúde na sociedade dos consumidores. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 27, n. 3, p. 137-151, maio 2006.
- GUEDES, Dartagnan Pinto. Abordagens quanto às relações atividade física, aptidão física e saúde. *In*: SIMÕES, Regina; MOREIRA, Wagner Wey. (Orgs.). **Fenômeno Esportivo no início de um novo milênio**. Piracicaba: Unimep; 2000. p. 123-135.
- KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. 3. ed. Ijuí: Unijuí; 2000.
- LOVISOLO, Hugo Rodolfo. Em defesa do modelo JUBESA (Juventude, Beleza e Saúde). *In*: BAGRICHEVYSKI, Marcos; PALMA, Alexandre; ESTEVÃO, Adriana. (Orgs.). **Saúde em debate na Educação Física**. v. 2. Blumenau: Nova Letra, 2006. p. 156-175.
- MACHADO, Roberto. **Microfísica do Poder**. 21. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2005.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da Moral**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- PALMA, Alexandre; VILAÇA, Murilo Mariano. O Sedentarismo da Epidemiologia. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 31, n. 2, p. 105-119, 2010.
- PARREIRA, Fernanda Ramos. **Conhecimento e subjetividades**: a [re]construção da Promoção da Saúde no Programa Academia da Saúde, no estado de Goiás. 2019; 274 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Faculdade de Ciências Sociais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2019.
- REVEL, Judith. **Michel Foucault**: conceitos essenciais. São Carlos: Ed. Claraluz, 2005.
- SILVA, Amauri Oliveira. **Programa Academia da Saúde**: aproximações entre Promoção da Saúde e Educação. 2017. 165 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Goiás, Jataí, 2017.
- SOARES, Carmen Lúcia. **Imagens da educação no corpo**: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX. Campinas, São Paulo: Autores Associados; 1998.
- SOARES, Carmen Lúcia. **Educação Física**: raízes europeias e Brasil. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2001.

Recebido em: 03/12/2021  
Aprovado em: 31/03/2022  
Publicado em: 06/05/2022

<sup>i</sup> É a existência de um tipo de poder que se exerce de cima para baixo e que diz não. A forma mais espetacular desse poder é o castigo exemplar no corpo do indivíduo. Entre os séculos XV e XVI “[...] o castigo era usado como declaração e ato de guerra, contra um inimigo da paz, da ordem, da autoridade, que, sendo perigoso para a comunidade, como violador dos seus pressupostos, como rebelde, traidor, e violentador da paz, é combatido com os meios que a guerra fornece” (NIETZSCHE, 1999, p.69).

<sup>ii</sup> Modalidade de aplicação do poder que aparece entre o final do século XVIII e o início do século XIX. Caracteriza-se por certo número de técnicas de coerção que exercem um esquadramento sistemático do tempo, do espaço e do movimento dos indivíduos e que atingem particularmente as atitudes, os gestos, os corpos individualmente. Como vigiar alguém, controlar sua conduta, seu comportamento, suas capacidades, como colocá-lo no lugar onde ele será mais útil socialmente (REVEL, 2005, p. 35).

<sup>iii</sup> O termo “biopolítica” designa a maneira pela qual o poder tende a se transformar, entre o fim do século XVIII e o começo do século XIX, a fim de governar não somente os indivíduos por meio de um certo número de procedimentos disciplinares, mas o conjunto dos viventes constituídos em população: a biopolítica por meio dos biopoderes locais se ocupará, portanto, da gestão da saúde, da alimentação, da sexualidade, entre outros, na medida em que elas se tornam preocupações políticas (REVEL, 2005, p. 26).

<sup>iv</sup> A vigilância substitui a violência, e a força passa ser substituída por um readestramento espiritual das almas, e não dos corpos. Com a vigilância o poder disciplinar converte-se no conceito de diagrama, não há um chefe no topo do poder, a engrenagem como um todo produz poder de maneira mais “horizontal”.

<sup>v</sup> Com a sanção os sujeitos são hierarquizados, numa relação mútua, os bons e os maus. Desse modo, opera-se uma diferenciação dos indivíduos, de suas virtudes, de seu nível ou valor. A disciplina ao sancionar os atos, os avalia e, individualizando-os a disciplina não visa à repressão momentânea, mas uma penalidade perpétua.

<sup>vi</sup> O exame faz dos sujeitos um objeto para uma análise posterior, é a comparação. O exame é um dispositivo que permite qualificar, classificar e punir. O exame é o resultado da objetivação e sujeição. O exame torna os indivíduos objetos pela sujeição e objetivação dos que se sujeitam dando visibilidade a estes.

<sup>vii</sup> O saber está essencialmente ligado à questão do poder, na medida em que, a partir da idade clássica, por meio do discurso da racionalidade, isto é, a separação entre o científico e o não-científico, entre o normal e o anormal, vai-se efetuar uma ordenação geral do mundo, isto é, dos indivíduos, que passa, ao mesmo tempo, por uma forma de governo (Estado) e por procedimentos disciplinares. Ora o poder não pode disciplinar os indivíduos sem produzir igualmente, a partir deles e sobre eles, um discurso de saber que os objetiva e antecipa toda experiência de subjetivação. A articulação poder/saber(es) será, portanto, dupla: poder de extrair dos indivíduos um saber, e de extrair um saber sobre esses indivíduos submetidos ao olhar e já controlados, o campo de aplicação de um biopoder (REVEL, 2005, p. 77-78.).

<sup>viii</sup> Atividade Física – Qualquer atividade muscular que implique em gasto energético acima dos níveis de repouso (CASPERSEN; POWELL; CHRISTERSON, 1985, p. 126).

<sup>ix</sup> Exercício – Qualquer atividade que seja realizada de forma intencional, repetitiva, planejada e regular, procurando atingir certos objetivos (CASPERSEN; POWELL; CHRISTERSON, 1985, p. 126).

<sup>x</sup> O esporte é “[...] um sistema ordenado de práticas corporais de relativa complexidade que envolve atividades de competição institucionalmente regulamentada, que se fundamenta na superação de competidores ou de marca/resultados anteriores estabelecidos pelo próprio sportista” (GUEDES, 2000, p. 125). O esporte contém intrinsecamente, a condição de racionalização, cientificação e competição. A racionalização diz respeito à constituição de movimentos baseados em uma lógica pragmática, baseado no cálculo e na organização de todo o processo de treinamento, de forma a se alcançar os objetivos propostos (KUNZ, 2000).

<sup>xi</sup> A aptidão física é um “[...] estado dinâmico de energia e vitalidade que permite a cada indivíduo não apenas realizar as tarefas do cotidiano, as ocupações ativas das horas de lazer e enfrentar emergências imprevistas sem fadiga excessiva, mas também que evite o aparecimento das disfunções hipocinéticas, enquanto funcionando no pico da capacidade intelectual e sentindo alegria de viver. Por essa definição, pode-se entender que os índices de aptidão física são moduladores dos atributos voltados à capacidade de realizar esforços



físicos que venham a garantir a sobrevivência dos indivíduos em boas condições orgânicas e psicológicas no ambiente em que vivem” (GUEDES, 2000, p. 129).